

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1.5584
Sexta-feira, 25 de Janeiro de 1924
PREÇO — 20 CENTAVOS

A ditadura de Primo de Rivera que tantas promessas fez, encontra-se periclitante, mercê das desinteligências entre os generais

Pelos nossos irmãos alemães!

Tôda a gente de bem deve começar desde já a auxiliar as vítimas da guerra e do capitalismo internacional

Nota oficiosa do Comité Confederal

O Comité Confederal, reunido para tratar de assuntos de interesse da organização, interpretando o sentir da massa organizada de todo o país, vem expor um facto para que pede a atenção de todos os trabalhadores, conscio de cumprir um acto que dignifica tôda a gente de espirito bem formado.

Todos conhecem a situação angustiosa em que vive o povo alemão depois da terrível carnificina que assolou os povos, para gáudio da sociedade capitalista, que fez fortunas inúmeras á custa dos que expuzeram a vida, por uma causa que não era a sua. Resultado: Gente estropiada e impossibilitada para o trabalho; Desvalorização da moeda, e a conseqüente crise de trabalho, não tendo os operários onde empregar a sua actividade para conseguirem os meios de subsistência; Crianças tuberculosas por falta de alimento, e os quadros mais horrorosos de que temos conhecimento na história dos Povos.

A burguesia causadora das privações do povo, refastelada das melhores iguarias, não quer saber do sofrimento de quem não tem onde empregar os seus braços.

Mais que se suicidar para não verem os seus entes queridos morrer de fome.

O governo, mais preocupado com a questão política, do que com a questão económica, deixa que os seus subditos morram de fome.

Um povo inteiro que se definha por falta de alimentação, em consequência de não ter onde empregar a sua actividade, e todo um caudal de misérias que não é possível enumerar, sofre como nós, vítima da exploração de capitalistas e políticos.

Depois de constarmos uma miséria como esta, o que devemos fazer?!

Procurar por tôdas as formas que nos seja possível, concorrer com uma parte das nossas possibilidades, para obstar a que continuem morrendo de fome aqueles entes que não tendo culpa da maldade dos homens, são os que mais directamente, sofrem as suas conseqüências.

Portanto, para que a nossa solidariedade possa beneficiar aquelas criaturas, todos os camaradas amantes da humanidade e consequentemente do bem, devem enviar o seu óbolo, quer em dinheiro, quer em roupas, á sede deste organismo, afim de o fazermos chegar ao seu destino, cumprindo assim, um dos principais deveres de solidariedade que deve existir entre trabalhadores e que consiste em não deixar morrer de fome o nosso semelhante.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1924.

O Comité Confederal

NOTAS & COMENTARIOS

Monsanto

Contou ontem mais um aniversario a escalada de Monsanto. O acto foi recordado por diversas delações que se fizeram ouvir durante o dia e noite. E' um fracasso em uso, mas que se torna forte e estrondoso. A subida arriscada de Monsanto representou o sacrificio, a defesa da república ameaçada e o esmagamento dos monarchicos. Troux a artilharia nesse dia; ontem os morteiros recordaram-no. Venceu-se Monsanto, perdeu a Reacção. Esvaiu-se uma illusão!

Monsanto sepultou novamente o cadáver, que a acção do tempo e o abandono e desleixo dos próprios coevos conseguira trazer á superficie. E os seus guardas já esqueceram os anos; descausam. O cadáver criou vermes que percorrem todo o organismo da república, arruinando-a sensivelmente, para que a sua morte não se faça esperar.

Monsanto não deve ser esquecido pelos republicanos sinceros e honestos. O ambiente que se respira não será um indício ineludível, certamente!

A família e a constituição

A mulher do actual ministro da instrução sr.ª D. Luisa Sérgio, imaginou, como prolongamento da sua acção na instituição católica beneficente das "Florinhas da Rua", um sindicato feminino com bases religiosas. Quem pensou D. Luisa Sérgio de convidar para o "Sindicato Feminino"? O pessoal feminino do ministério da instrução. E o sr. António Sérgio mandou chamar ao seu gabinete, o pessoal feminino apresentando-o, ministerialmente, a sua esposa como capaz de ser pessoal para um sindicato católico e feminino. A família começa a acrescentar aos aposentos que a constituem, mais outro que é simultaneamente cozinha e casa de jantar—o gabinete do ministro com quem se está matrimoniando. Deve pagar a moda. Resta-nos a consolação de que amanhã virá um ministro cuja esposa pertencendo a Associação do Registo Civil inscreva o pessoal feminino do ministério da instrução no Grémio Excursionista Civil do Monte.

Misericórdias...

Realiza-se dentro de breves dias o congresso das Misericórdias que irá occupar-se especialmente da péssima situação económica que ellas atravessam. E' um congresso onde se vai constatar a falência da caridade, da caridade que existe na assistência da injustiça e das misérias sociais por meio de alguns legados feitos após a morte do doador. O congresso vai afirmar que o egoismo dos ricos vibrará nas Misericórdias—um derradeiro golpe de misericórdia.

Livros

Recebemos o novo livro de Correia da Costa Dom Sebastião, ao qual em breve o nosso critico fará a merecida referência.

Arte e artista

O pintor modernista sr. Guilherme Filipe, que expôs há pouco os seus quadros originaes, em Lisboa, partiu ontem para o Porto onde realizará uma exposição.

O PESSOAL

telégrafo-postal

saúda "A Batalha" por defender as suas justas reclamações

Há cerca de 3 meses que a classe telégrafo-postal vem reclamando a satisfação de justissimas reclamações. Ao fim dum tão longo periodo de tempo, o actual ministro do commercio dr. sr. António da Fonseca, em vez de aceder á justiça das reclamações ainda procura negá-la recorrendo a escamoteações legais que por irem ferir direitos legittimos não recamos classificar de desonestas. O Administrador Geral dos Correios e Telégrafos sr. António Maria da Silva, que nada tem feito que beneficie o público ou que melhore os serviços, mantém uma attitude hostil ás reclamações do pessoal. A nós, em nada nos admira semelhante attitude, pois que o sr. António Maria da Silva, há muito que trocou a politica pelo trabalho e se tem dedicado a ser o perseguidor odioso das classes trabalhadoras.

Recebemos os seguintes telegramas: GUARDA, 24.—T.—Pessoal maior da Guarda agradece o apoio leal que tem sido prestado á corporação telégrafo-postal.

GUARDA, 24.—Pessoal menor telégrafo-postal da Guarda, reconhecidamente agradece franco e leal apoio prestado pela Batalha á nossa corporação.

A prisão dos delegados operários portugueses em Sevilla

O operariado de Vila Nova de Portimão enviou ao ministro de Espanha em Lisboa o seguinte telegrama: «Os sindicatos operários de Portimão, em nome de tôdas as classes trabalhadoras desta vila, pedem a immediata liberdade dos delegados portugueses Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, em homenagem á justiça e humanidade.»

Protestos

O operariado de Vila Nova de Portimão enviou ao ministro de Espanha em Lisboa o seguinte telegrama: «Os sindicatos operários de Portimão, em nome de tôdas as classes trabalhadoras desta vila, pedem a immediata liberdade dos delegados portugueses Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, em homenagem á justiça e humanidade.»

PROBLEMAS SOCIAIS

ADOPTAREMOS O FIGURINO RUSSO?

A tradição social do povo, a força do sindicalismo e vários outros factores indicam que a revolução tomará uma feição bem diversa

Desde que seja um dia possível em Portugal uma revolução de carácter económico, estará essa revolução sujeita ás mesmas contingências que determinaram na Rússia a sua actual constituição politica? Dada por ventura a impraticabilidade duma livre organização de tôdas as actividades económicas, pela opposição duma grande parte da população, e tendo, por isso, de a sociedade organizar-se em regime politico, será esse regime, como na Rússia, uma representação de sovietes, ou uma representação profissional, ou uma representação dos sindicatos? Dada mesmo por ventura a vitória do partido comunista, apoiado pelos elementos mais radicais dos partidos republicanos e dos republicanos não filiados, por uma parte do exercito e por uma parte do operariado, poderá esse partido exercer a mesma acção centralizadora e autoritária que o bolchevismo operou na Rússia?

A questão posta assim não pode ser resolvida empiricamente segundo as predições sociológicas e filológicas de cada um. Não podemos prescindir dos factores sociais, da análise dos factos, contar com as correntes de opinião, com as forças latentes na sociedade. Não se trata, pois, duma questão de fé, mas duma dedução. O regime que venha a estabelecer-se pode não corresponder ás nossas aspirações, á nossa ideologia, mas acceitá-lo como inevitável não representa nenhuma contradição connosco, visto que se não trata duma concepção subjectiva mas duma realidade objectiva, que não é condicionada apenas por nós. Em nós cabe apenas exercer o máximo da nossa influencia para que essa realidade se aproxime tanto quanto possível dos nossos principios, da nossa concepção duma organização social livre; mas o nosso patriotismo não deve ir até ao ponto de contrariar um regime mesmo de natureza autoritária, desde que elle represente, sob o ponto de vista das liberdades económicas, uma maior garantia do que a actual sociedade burguesa.

Encarando assim o problema e sabendo bem que os elementos libertários não constituem ainda a maioria revolucionária activa e forte, capaz de imprimir uma tendência delinida á revolução, eu julgo que não será possível ainda em nossos dias tentar, num país como é Portugal, dependente economicamente do estrangeiro, uma experiência de sociedade libertária. A acção dos anarquistas virá naturalmente a limitar-se a influir para que o regime a estabelecer-se seja o mais possível descentralizado, não só sob o ponto de vista regional, como sob o ponto de vista das funções económicas e sociais (indústrias e serviços públicos). E, sob este ponto de vista, eu estou convencido de que a acção dos libertários se poderá exercer mais proficuaemente, com resultados mais apreciáveis, de que a dos nossos camaradas na Rússia.

Somos chegados assim a uma das afirmações que eu fiz no meu último artigo: onde o sindicalismo seja uma força não dominará a superstição politica. Não sei porque, houve quem de duvidasse d'isto que eu supunha que uma organização sindicalista que se substitua ao patronato e ao Estado, tomando conta das funções que um outro realizam hoje, não é um regime politico. A's objecções que, em virtude deste equívoco me foram feitas responderei no outro artigo. Por enquanto limito-me a esclarecer melhor o meu pensamento. Por superstição politica eu entendo a crença de que é pela autoridade, pela violencia organizada em sistema, que os individuos e as sociedades se determinam. Essa superstição tem graus. Ha países onde ella é dominante, outros onde ella é mais atenuada. Nós vivemos felizmente num destes países. Exactamente por influencia da acção sindicalista, o operariado não tem uma arcaizada superstição politica. Se acceitar um regime politico, acceitá-lo-ha como uma fatalidade das circunstancias, por supôr realisavel uma mais profunda transformação, mas sem o entusiasmo, a fé, digamos a palavra, a superstição do poder com que na Rússia uma grande parte do operariado aclamou o novo Estado.

Porque razão é que, por esse país fora, o abandono da escola é tam grande? E que razão tam poderosa há, para que até nas pequenas aldeias surjam postos de Guarda Nacional, alojados em casas, as melhores? E ainda, que sentimento de humanidade e de respeito possua a burguesia que se nega, por vezes, a ceder um catre para a escola da aldeia e facilita ou oferece uma boa casa para um posto da Guarda?

A instrução popular

Arruinam-se os edificios escolares, fazem-se quartéis e o proletariado condemnado á miséria e á ignorância

Os intellectuaes que sabem compreender as necessidades do presente, que são a laboração dum futuro melhor e o proletariado, não devem consentir de bom grado que a burguesia trate o magro problema da instrução, pela maneira como o está fazendo, demonstrando que não governa os interesses do povo, mas que governa os interesses de classe, isto é: a conveniência dos ricos. E' esta a conclusão a que somos obrigados a chegar depois de examinados os diversos trabalhos de bastante utilidade para a instrução do povo, como, por exemplo, a última reforma do dr. sr. João Camoesas, que ficou fazendo no arquivo das coisas inúteis, como eloquentes afirmações de que a burguesia reinante, considera útil ao seu predomínio, a ignorância do povo.

que não são bafejados da sorte, como se diz—se vegetam. A sociedade que deveria canalizar todos os seus esforços para que ellas fossem os conscientes homens do futuro, põe-nas á margem, esperando que, comoervas daninhas, surjam no vicio, para as fazerem entrar nos calabouços.

Porque razão é que, por esse país fora, o abandono da escola é tam grande? E que razão tam poderosa há, para que até nas pequenas aldeias surjam postos de Guarda Nacional, alojados em casas, as melhores? E ainda, que sentimento de humanidade e de respeito possua a burguesia que se nega, por vezes, a ceder um catre para a escola da aldeia e facilita ou oferece uma boa casa para um posto da Guarda?

Em nome de que principio foi dado permitir, que aquela casa escolar atigisse tam calamitoso estado? O mesmo que permite, equal abandono em tôda a parte; que impede a realização de boas iniciativas, que espretilhos bastante independentes tem proporcionado; e que obriga á terminação das escolas primarias superiores e ao encerramento breve de outros estabelecimentos de ensino. Tentamos em vista o grito de alarme lançado pela Universidade Popular.

A razão desta attitude está decerto justificada no facto de que a Guarda, como as restantes forças militares, pode a burguesia utilizá-las para defesa dos atropellos que comete, para sentir mais seguro o fruto da sua especulação.

Tôda esta accção nefasta, que reduz o povo á mais crassa ignorância se exerce, porque para a burguesia o desenvolvimento da instrução não representa o seu predomínio, antes o enfraquece e ella acima de tudo quer manter-se. A burguesia não está disposta a reconhecer, que tem de ceder o passo á nova modalidade social, supõe-se estranha, Porisso, preocupa-se exclusivamente com a defesa dos seus interesses, que são os interesses dos banqueiros, dos proprietários, dos comerciantes, dos proprietários. E como o interesse dos ricos não é o mesmo que o interesse do povo, resulta que a burguesia como classe reinante deprime os direitos do povo para sua defesa popular, que pela mesma razão não é a defesa do povo.

Na expansão da escola ella só vê um inimigo, porque reconhece que, quanto mais instruído for o povo, mais facilmente compreenderá a injusta desigualdade económica que o condena a todas as dificuldades.

Porisso, preocupa-se exclusivamente com a defesa dos seus interesses, que são os interesses dos banqueiros, dos proprietários, dos comerciantes, dos proprietários. E como o interesse dos ricos não é o mesmo que o interesse do povo, resulta que a burguesia como classe reinante deprime os direitos do povo para sua defesa popular, que pela mesma razão não é a defesa do povo.

Para a burguesia o principal objectivo é manter o regime que lhe dá existencia. Se para conseguir esse objectivo ella verificar ter necessidade de reduzir o povo á total ignorância, fá-lo-há. A prosperidade do país significa para a burguesia, a prosperidade dos proprietários, negociantes e conspicuos patriotas, a possibilidade de arrecadar fabulosos lucros. Se para conseguir tais lucros fosse necessário substituir, nos trabalhos que exploram, os homens por crianças, quicô o país pelos filhos, não se deixem. E por via da lei do salario, não se deixem. A cultura que existe, verifica-se o exodo das crianças para as oficinas, depauperando-se prematuramente e afundando-se no analfabetismo em que se debate 75 por cento da população.

Se não veja-se a exploração ignóbil exercida sobre os menores que, sem amparo, as mais das vezes dos pais e absolutamente desprezadas da sociedade, são obrigadas a suportar a tirania de individuos sem escrúpulos e sem sensibilidade, guindados á categoria de patrões, que só vêem nella vítima um farrapo, obrigado a sofrer toda a hebdiez da sua cubica.

PRIMO DE RIVERA

na BOA-HORA

Efectua-se o julgamento dum operário — Manobras terroristas da a policia

Uma grande multidão de operários affluu ontem ao tribunal da Boa-Hora, em cujo 2.º distrito se realizava a julgamento de Arsenio José Filipe e Custódio Ferreira dos Santos.

Apesar dos boatos terroristas, espalhados involuntariamente, a audiência iniciou-se com toda a serenidade. A attitude dos magistrados e dos assistentes expulsa toda a eventualidade de «serios acontecimentos».

Mas a policia é perspicaz e e soube logo de grandes «complots»... Preparou-se para inutilizar a acção dos conspiradores com a sua tradicional estupidez.

O juiz é subitamente perturbado com a chegada do tenente Soares, commissario da policia, que lhe faz graves revelações. O juiz não acredita e chama o delegado do ministério publico, que se fica a meditar.

Trinta policiaes, resolutos, 3, tinham invadido o edificio, occupado o os corredores e até os telhados do tribunal. A assistência está tam tranquilla e desconfiada, que por nada dá. Apenas as centenas de operários aglomerados nos corredores, nas escadas e no largo, tem uma attitude interrogadora.

E neste ambiente frio, de e expectativa e tranquillidade, o julgamento de Custódio Ferreira prossegue. As testemunhas de accusação nada sabem dizer. O accusado declara que procedeu violentamente contra o construtor T. Serra, porque este, além de o despedir por faltar ao trabalho, na tarde dum domingo, impediu-o, com as suas intruzigas, de se empregar nas outras obras. As testemunhas de defesa accusam ás esperanças o construtor Serra de perseguições aos operários das suas obras.

O dr. Sobral de Campos ps produz uma brilhante defesa, inutilizando completamente o ataque do delegado do M. P. —um bacharel saído há pouco da Universidade de Coimbra...

Os jurados recolhem. E af, alguns minutos depois, a sentença é lida: 14 meses de prisão correccional e multa para o operário Custódio Ferreira.

Começa a retirada da assistência. Numerosos guardas alinham-se no corredor e apalpm tôda a gente. Os policiaes estão com cara de caso. Há já pessoas que são estipendiadamente apalpadadas repetidas vezes. E tudo terminou si sem que um simples fólofor de cera estalasse sob os pés dos policiaes e dos que se se retiravam.

—O julgamento de Arsenio José Filipe foi á adido.

PRIMO DE RIVERA

na BOA-HORA

Efectua-se o julgamento dum operário — Manobras terroristas da a policia

Uma grande multidão de operários affluu ontem ao tribunal da Boa-Hora, em cujo 2.º distrito se realizava a julgamento de Arsenio José Filipe e Custódio Ferreira dos Santos.

Apesar dos boatos terroristas, espalhados involuntariamente, a audiência iniciou-se com toda a serenidade. A attitude dos magistrados e dos assistentes expulsa toda a eventualidade de «serios acontecimentos».

Mas a policia é perspicaz e e soube logo de grandes «complots»... Preparou-se para inutilizar a acção dos conspiradores com a sua tradicional estupidez.

O juiz é subitamente perturbado com a chegada do tenente Soares, commissario da policia, que lhe faz graves revelações. O juiz não acredita e chama o delegado do ministério publico, que se fica a meditar.

Trinta policiaes, resolutos, 3, tinham invadido o edificio, occupado o os corredores e até os telhados do tribunal. A assistência está tam tranquilla e desconfiada, que por nada dá. Apenas as centenas de operários aglomerados nos corredores, nas escadas e no largo, tem uma attitude interrogadora.

E neste ambiente frio, de e expectativa e tranquillidade, o julgamento de Custódio Ferreira prossegue. As testemunhas de accusação nada sabem dizer. O accusado declara que procedeu violentamente contra o construtor T. Serra, porque este, além de o despedir por faltar ao trabalho, na tarde dum domingo, impediu-o, com as suas intruzigas, de se empregar nas outras obras. As testemunhas de defesa accusam ás esperanças o construtor Serra de perseguições aos operários das suas obras.

O dr. Sobral de Campos ps produz uma brilhante defesa, inutilizando completamente o ataque do delegado do M. P. —um bacharel saído há pouco da Universidade de Coimbra...

Os jurados recolhem. E af, alguns minutos depois, a sentença é lida: 14 meses de prisão correccional e multa para o operário Custódio Ferreira.

Começa a retirada da assistência. Numerosos guardas alinham-se no corredor e apalpm tôda a gente. Os policiaes estão com cara de caso. Há já pessoas que são estipendiadamente apalpadadas repetidas vezes. E tudo terminou si sem que um simples fólofor de cera estalasse sob os pés dos policiaes e dos que se se retiravam.

—O julgamento de Arsenio José Filipe foi á adido.

A greve ferroviária inglesa

A repercussão nas indústrias LONDRES, 24.—Continuam as negociações entre os administradores das companhias ferroviárias e os operários. Tem-se que a greve ferroviária obrigue muitas indústrias a suspenderem a sua laboração, agravando ainda mais o problema dos desempregados.

A CARESTIA DA VIDA

Um convite das Juntas de Freguesia O Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, convida as mesmas corporações a comparecer pelas 14 horas de hoje á porta do ministério das finanças, a fim de serem entregues ao presidente do ministério as moções pelas mesmas juntas aprovadas em sessão plenária de 22 do corrente na Câmara Municipal da cidade.